



# O Domínio Humano

## A Necessária Iniciativa do Exército dos EUA em Direção às Ciências Sociais

Militar da 2ª Divisão de Infantaria entrega garrafa de água a uma criança durante um Programa de Ação Cívica Médica, 14 Mar 13, na Província de Kandahar, no Afeganistão.

2º Ten Jennifer Frazer, 102º Dst Mv Com Soc

Maj Mark Herbert, Exército dos EUA

*O Maj Mark Herbert é analista estratégico no Centro de Integração de Capacidades do Exército dos EUA, Comando de Instrução e Doutrina, Forte Eustis, Virgínia. Possui o bacharelado em História pela University of Missouri at Saint Louis e o mestrado em Inteligência Estratégica pela National Intelligence University. Sua dissertação teve como foco o modo pelo qual o setor de Inteligência pode utilizar as Ciências Sociais na análise de informações.*

“O homem, a molécula da sociedade, é o tema da ciência social.”

—Henry Charles Carey, economista do século XIX

Os atuais desafios fiscais diante do Departamento de Defesa obrigaram as Forças Armadas a se reinventarem e a desenvolverem conceitos inovadores, ao mesmo tempo que se empenham em se definir com base em uma simples palavra: relevância.

Para esse fim, a Marinha e a Força Aérea dos Estados Unidos da América (EUA) desenvolveram sua futura trajetória para os formuladores de políticas e estrategistas em relação ao conceito “Combate Ar-Mar”, propondo que o ataque em profundidade e o controle das águas internacionais serão os elementos decisivos dos futuros conflitos. Cabe observar que, para serem alcançados, eles dependem, primordialmente, de medidas tecnológicas.

Em contrapartida, os componentes terrestres do Departamento de Defesa começaram a colaborar na formulação de seu referencial conceitual para a relevância em uma era de austeridade de recursos, que, na verdade, busca vender uma antiga ideia em uma nova embalagem. Sua resposta não é nem a proposta de um complicado conceito de campanha nem uma nova série de dispendiosos programas de armas ou viaturas. Em vez disso, a ideia é concentrar-se no aspecto humano da guerra e em como, historicamente, ela continua sendo, fundamentalmente, um empreendimento humano conduzido em meio às pessoas, oriundas, em geral, de diferentes culturas, com uma constelação de complexas idiossincrasias.

Uma consequência natural dessa abordagem é que ela revela a necessidade de ampliar os paradigmas intelectuais utilizados para pesquisar e analisar o empreendimento humano da guerra, a fim de melhor conceber as ferramentas necessárias para prevalecer no conflito. Por exemplo, embora seja uma excelente mestra, a História não é a única forma de abordagem a ser utilizada para obter clareza quanto a esse conceito. Apoiar-se na História apenas não será suficiente como guia para revelar as motivações ocultas ou as soluções de mitigação típicas da guerra. Em vez disso, a ampliação do conjunto de ferramentas conceituais para analisar a guerra de modo mais abrangente deve incluir o uso das Ciências Sociais. Essa é uma medida importante

para nos ajudar a desvendar o mistério que é a violência humana, entender a dimensão humana de um determinado conflito e prever as reações comportamentais às várias linhas de ação consideradas que envolvam o emprego de ações militares.

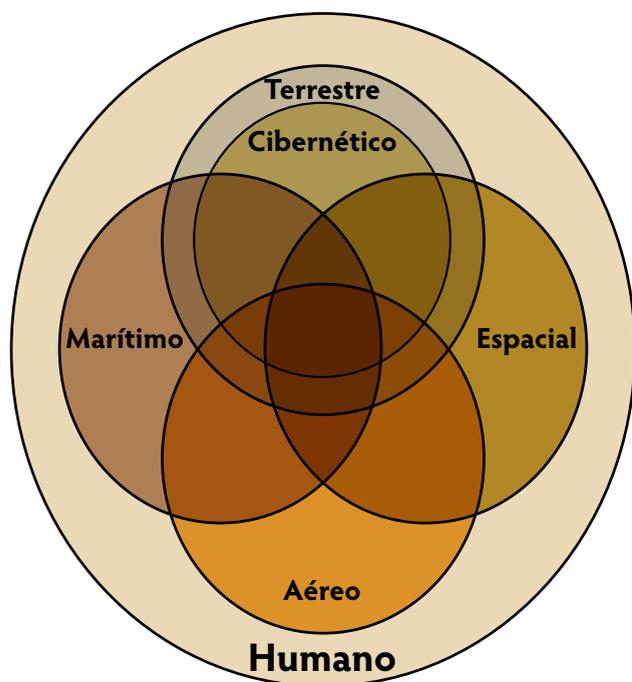
O conceito de *domínio humano*, como atualmente designado pelo Exército dos EUA, não é algo novo. Os historiadores da guerra retomaram, repetidas vezes, a ideia de que a guerra é, intrinsecamente, um empreendimento humano. O conflito ocorre em muitas áreas e domínios: em terra, no mar, no ar, no espaço e, agora, no ciberespaço. Contudo, como mostra a figura, existe um domínio que engloba todos os demais: o domínio humano.

## ...essa abordagem... revela a necessidade de ampliar os paradigmas intelectuais utilizados.

A solução simples e de uso generalizado do Exército dos EUA para problemas no passado foi, muitas vezes, o recurso à violência destrutiva — matar é, às vezes, o que fazemos quando não entendemos o problema. Em contrapartida, o esforço no sentido de entender o domínio humano em um patamar bem mais sofisticado pode nos ajudar a compreender uma situação, prevenir a evolução do conflito e limitar o grau de violência necessário para mitigar a situação.

Considerando que o Exército e o Corpo de Fuzileiros Navais são, principalmente, Forças terrestres, faz sentido que proponham uma ideia de futura guerra que inclua a interação humana como conceito abrangente e componente indispensável, que conecta todas as linhas de operação/linhas de esforço.

Para desenvolver essa ideia, o Exército, o Corpo de Fuzileiros Navais e o Comando de Operações Especiais dos EUA (*U.S. Special Operations Command* — *USSOCOM*) deram início a um esforço cooperativo, dentro da iniciativa de *poter terrestre estratégico*, de estabelecer uma Força-Tarefa de Poder Terrestre Estratégico. Seu objetivo consistirá em colher as lições



## Domínios do Conflito

aprendidas da última década ou mais de conflito; incorporar, na doutrina, “considerações militares, humanas e estratégicas históricas, contemporâneas e novas, bem como o contínuo relacionamento entre o domínio terrestre e o domínio humano”; e postular como será o ambiente operacional no futuro<sup>1</sup>.

Como parte desse esforço, o Alto-Comando do Exército sustenta que a História demonstra e justifica a ideia do domínio humano. Com efeito, há milhares de volumes repletos de análises históricas que alegam explicar a extensão do aspecto humano da guerra, desde as conhecidas batalhas da Antiguidade às que ocorrem atualmente no Afeganistão, na Síria e em outras regiões do mundo.

Contudo, a maioria dessas obras parece concentrar-se em detalhes da tática e da estratégia (e, às vezes, da logística), e não no estudo da guerra pelo prisma das Ciências Sociais, cujos fatores subjacentes seriam mais bem explicados com conceitos intelectuais apoiados na antropologia cultural, na psicologia e na sociologia.

Em consequência, para que possamos investir na ideia do domínio humano — ampla em si — será preciso que a abrangência da pesquisa e dos estudos utilizados pelo Exército dos EUA aumente para, até certo ponto, abarcar tal amplitude. Em conformidade

com o exposto, a inclusão de outros campos, além da História — Psicologia, Antropologia, Sociologia e áreas afins — abrirá uma infinidade de novas portas para ideias sobre a guerra e o domínio humano.

Precisamos nos libertar dos grupos de pesquisa de praxe e dos conselhos superficiais oferecidos por especialistas acomodados, a regurgitar velhas teorias e dados estatísticos. Em lugar disso, precisamos incluir novos campos de conhecimento e informações advindas de diversas experiências e conjuntos de dados.

Em suma, caso o Exército dos EUA queira, realmente, entender a interação humana e sua relação com a guerra, é preciso que se faça um esforço concentrado para se aproximar desses outros campos de estudo, que se especializam no aspecto humano de uma forma mais ativa.

Prevê-se que esse processo não só introduza algo novo, como também revitalize os antigos conhecimentos, ao aprimorar e ampliar pesquisas realizadas em campos tradicionais como o da História. A combinação dessas áreas produzirá um entendimento mais profundo, mais amplo e mais sofisticado para problemáticas associadas às causas e resoluções da guerra.

Embora esse pareça ser um bom conceito, o problema surge quando o Exército, o Corpo de Fuzileiros Navais e o Comando de Operações Especiais dos EUA tentam “vender” a ideia para aqueles que determinam a estratégia e, por fim, a destinação de verbas. A pesquisa em Ciências Sociais, uma atividade de custo relativamente baixo, não tem o mesmo apelo sedutor, nos distritos eleitorais, que a fabricação de aviões de bilhões de dólares. Precisa-se de ajuda urgentemente, mas o Exército dos EUA não soube se ajudar persuadindo os formuladores de políticas quanto ao valor das Ciências Sociais para as Forças Armadas.

É nessa área que se encontra a parte do aspecto humano. Nem o Departamento de Defesa nem os demais componentes do sistema de segurança nacional têm um histórico positivo de utilização das Ciências Sociais em suas análises. Historicamente, essa área tem sido completamente ignorada ou utilizada de forma terrivelmente imprópria<sup>2</sup>. Além disso, quando se trata de formular a estratégia, o combate ou a diplomacia, há um número inadequado de representantes com credibilidade das Ciências Sociais em discussões de mesa redonda, sessões de estratégia ou equipes ou estados-maiores dos decisores. Isso

parece validar o que observa o Livro Branco do Poder Terrestre Estratégico dos EUA: o uso de qualquer uma das Ciências Sociais no estudo da guerra e a ideia de que os conflitos dizem respeito a pessoas “não têm recebido a ênfase central que deveriam na deliberação militar norte-americana”<sup>3</sup>.

Embora o Exército dos EUA tenha buscado utilizar aspectos das Ciências Sociais nos últimos anos com a elaboração da doutrina de contrainsurgência e seus proponentes, ainda existe um enorme abismo. Esse abismo dificultou, e continuará a dificultar, o entendimento do domínio humano. Sendo assim, como transpô-lo?

### Como Transpor o Abismo

Há duas medidas que o Exército dos EUA precisa tomar para compreender o abismo que existe atualmente e gerar soluções para transpô-lo. Primeiro, é preciso entender a história de interação entre a Força e as Ciências Sociais e reconhecer as razões para esse distanciamento. Aplicar os ensinamentos extraídos do passado pode prevenir que cometamos os mesmos erros.

Segundo, o Exército dos EUA precisa incorporar e internalizar todas as informações que as Ciências Sociais podem oferecer, em um sério esforço para entender o que é a guerra. Todos os canais de abordagem devem ser utilizados e todos os campos das Ciências Sociais devem ser explorados para buscar entender o domínio humano em condições de guerra.

### O Exército dos EUA e as Ciências Sociais

As Forças Armadas fizeram incursões no campo das Ciências Sociais no passado. Já na Primeira Guerra Mundial, ambos os lados do conflito contrataram antropólogos e psicólogos para ajudarem no esforço de guerra. A percepção de uso indevido de seus serviços durante a Primeira e Segunda Guerras causou fortes divergências no meio acadêmico, pondo em dúvida o emprego de cientistas pelas Forças Armadas<sup>4</sup>.

A Guerra Fria intensificou ainda mais a impressão de existir um conflito entre o papel da ciência e sua utilização pelo governo para ganhos políticos e militares.

Por exemplo, o uso de analistas acadêmicos pelo Exército dos EUA para pesquisar a causa de



Militar do Exército dos EUA distribui presentes a mulheres afegãs durante cerimônia em comemoração do Dia Internacional da Mulher no Jardim de Shahr-ara em Kabul, 11 Mar 13.

Marinha dos EUA, 3º Sgt. Kleyra R. McKnight



Mãinha dos EUA - HMC Josh Ives

Chefe da equipe de comunicação social, da Equipe de Reconstrução Provincial de Farah, cumprimenta Mawlawi Guhlam M. Ruhaani, diretor de Hajj e Endowment, na Cidade de Farah City, 29 Dez 12.

insurgências na América Latina durante o Projeto *Camelot* produziu mal-estar e protestos quanto à ética desse tipo de prática<sup>5</sup>.

Mais ou menos na mesma época, o FBI passou a colher informações sobre professores e outros acadêmicos das faculdades e universidades do país. Isso ocorreu no auge da Guerra Fria, na época do “Medo Vermelho”, quando o comunismo foi visto como uma ameaça interna à nação. Com a anuência e o apoio velado das instituições de ensino superior, o FBI elaborou uma “lista negra” de professores que, a seu ver, estavam envolvidos com organizações perigosas e antiamericanas e eram considerados “subversivos”. Esse período resultou em um legado persistente de suspeita e desconfiança entre o governo e muitos no meio acadêmico<sup>6</sup>.

O uso de sociólogos para assistir no emprego de equipes de Apoio às Operações Cívicas e ao Desenvolvimento Revolucionário (*Civil Operations and Revolutionary Development Support — CORDS*) no Vietnã e, mais tarde, o Sistema de Terreno Humano no Iraque e no

Afganistão antagonizaram ainda mais o meio acadêmico, afastando-o dos militares e de suas operações. Na opinião de muitos na comunidade acadêmica, esses programas utilizaram cientistas como meios políticos e militares, e não em sua verdadeira função como acadêmicos e educadores.

Em outubro de 2007, o Conselho de Administração da American Anthropological Association (Associação Antropológica Americana) publicou uma declaração sobre o Projeto do Sistema de Terreno Humano do Exército dos EUA. Nela, o conselho manifestou sua desaprovação do programa com base em motivos éticos e sua preocupação de que ele colocaria seus associados em perigo<sup>7</sup>. Para esse grupo, o Exército dos EUA estava simplificando um assunto extremamente complexo. David Price, antropólogo da Saint Martin’s University, observa que, quando o Exército ou as Forças Armadas em geral “desejam adotar algo tão potencialmente inexistente como a Antropologia, [são], muitas vezes, seduzidos por fantasias de que ela seja uma ciência exata”<sup>8</sup>.

Esses exemplos ilustram o abismo que existe entre grande parte da comunidade das Ciências Sociais e os militares na atualidade. Causado, principalmente, pelo histórico de um uso considerado imoral de cientistas sociais e de seus respectivos campos por parte das Forças Armadas e agravado por posturas políticas ou divergências sobre programas de ação, muitos acadêmicos e pesquisadores passaram a opor-se a quaisquer tentativas de transpor esse abismo. A oposição aos conflitos mais recentes, no Iraque e no Afeganistão; ao encarceramento de combatentes estrangeiros na Baía de Guantánamo; e ao emprego das chamadas técnicas avançadas de interrogatório complicaram ainda mais a situação. Qualquer relacionamento que a Força tente forjar com o mundo acadêmico para ampliar o diálogo entre ambos deve levar em consideração esses fatores.

Considerando esse histórico problemático, talvez pareça impossível efetuar qualquer mudança em nossa ligação com o meio acadêmico. Contudo, como em qualquer relacionamento, o êxito depende do esforço investido.

### Como Incorporar as Ciências Sociais

O Exército deu o primeiro passo ao reconhecer a importância de entender o aspecto humano da guerra, mas serão necessários outros passos no sentido certo, para gerar credibilidade e obter sucesso com o conceito de domínio humano.

Primeiro, a liderança do Exército deve converter o conceito de domínio humano em uma prioridade. Estabelecer um grupo de trabalho ou pequena equipe de pesquisa não será suficiente. Ainda que não precise ter a mesma dimensão de seu Centro de Excelência, o Exército dos EUA deve criar um departamento ou centro que possa executar o árduo trabalho necessário para formular e promover as ideias. Esse escritório precisa ser o principal núcleo de pesquisa e síntese sobre o domínio humano e ter forte apoio do Alto-Comando do Exército.

Junto com o escritório, deve-se indicar um responsável para capitanear a elaboração e implementação do conceito. Quem ficará à frente com respeito ao domínio humano é algo tão importante quanto como essa área funciona e afeta as Forças Armadas. Atualmente, há um esforço de colaboração entre o Exército, o Corpo de Fuzileiros Navais e o Comando de Operações Especiais dos EUA. Embora todos os três tenham experiência

com o conceito de domínio humano, deve haver um ator principal, que forneça orientação e liderança. Sendo o maior dos componentes terrestres, o Exército deve assumir esse papel.

Segundo, o Exército não deve ater-se a suas práticas convencionais no que diz respeito à delegação de ideias e informações. Para que ocorra a síntese de conhecimentos e um entendimento do que constitui o domínio humano em relação à guerra, quem melhor para colhê-los senão aqueles que estudam, lecionam e escrevem sobre eles?

## ...um abismo existe entre grande parte da comunidade das Ciências Sociais e os militares...

Atualmente, o Exército utiliza um núcleo de acadêmicos, cientistas, empresários e teóricos para seus debates sobre políticas e estratégia. São dignos de confiança e confidentes que, juntos, contribuem com uma riqueza de conhecimentos. Deve-se fazer o mesmo com especialistas e acadêmicos do segmento de Ciências Sociais. Convidar mais psicólogos, antropólogos, primatólogos e outros profissionais para congressos e fóruns do Exército dos EUA contribuirá com uma grande quantidade de informações sobre os aspectos humanos da estratégia e da guerra. Além de estabelecer tal núcleo de assessores das Ciências Sociais, o Exército dos EUA deve conduzir um congresso dedicado, especificamente, ao domínio humano, convidando acadêmicos de todas as disciplinas pertencentes à área. Esse fórum deve conferir ao Exército conhecimentos adicionais sobre temas que ele não tenha percebido ou considerado anteriormente.

Em suma, para, de fato, cumprir os objetivos implícitos da estratégia do poder terrestre estratégico, será preciso começar a formar uma rede de contatos com educadores e especialistas principais, caso a Força realmente queira aprender sobre o domínio humano da guerra. Precisamos nos voltar mais a instituições como o Departamento de Psicologia Evolutiva



Militar do Exército dos EUA conversa com moradores durante patrulha perto da Aldeia de Lalmah, Distrito de Chapahar, Província de Nangarhar, Afeganistão, 01 Set 13.

da University of New Mexico e menos a entidades como a Faculdade de Governo John F. Kennedy, de Harvard, em nosso desenvolvimento do domínio humano.

O mesmo relacionamento íntimo de confiança que o Exército dos EUA tem com empresas, indústrias e entidades governamentais deve ser desenvolvido junto ao meio acadêmico de Ciências Sociais relacionadas, para que o conceito de domínio humano tenha êxito. Contudo, o Exército dos EUA deve cuidar para evitar os erros cometidos anteriormente, como o de utilizar cientistas sociais para razões que não foram consideradas moralmente corretas por integrantes do mundo acadêmico. Qualquer iniciativa do Exército dos EUA no sentido de assimilar ou utilizar o trabalho de cientistas sociais para razões políticas ou operacionais militares pode ser vista como mais uma tentativa de explorá-los ou usá-los indevidamente, aumentando o

abismo existente e arruinando qualquer esforço para transpô-lo.

A concentração de esforços nessa área terá o efeito prático adicional de oferecer um forte argumento para o Exército dos EUA, à medida que competirmos pela relevância contra uma maré de cortes orçamentários e restrições fiscais, que devem continuar. O que é mais importante: oferece um referencial conceitual para lidar com o mundo real, conforme a evolução dos acontecimentos, e com as ameaças que, provavelmente, enfrentaremos no futuro próximo. Portanto, deve ser levada a sério, já que a ajuda de especialistas de campos como a Psicologia, Antropologia, Sociologia e outras Ciências Sociais promete gerar um retorno real sobre o investimento, que resistirá à crítica externa.

Em contrapartida, caso o Exército dos EUA volte — como de costume — a apoiar-se nos conselhos mal-informados de uma mesma lista de políticos atuais e

antigos e continue a gastar suas verbas para financiar contratos com entidades de pesquisa para fins lucrativos de seus amigos e com oficiais da reserva que se tornaram lobistas, sua iniciativa de poder terrestre estratégico fracassará.

## Conclusão

A atual inexistência de um compromisso institucional do Exército dos EUA para com a ampliação de seu campo intelectual de discussão fica evidente com base em sua lista de recomendações de leitura profissional, a qual contém um único livro sobre outro tema que não a teoria política ou militar: *On Killing*, do Ten Cel David Grossman.

O Exército dos EUA deve incentivar a ampliação de seu referencial educacional e adotar o que o biólogo E. O. Wilson denominou sua teoria de *consiliência*: a unificação de todos os diferentes campos de estudo em uma grande síntese de conhecimentos<sup>9</sup>.

Isso inclui explorar a relevância de recursos ainda inexplorados no mundo acadêmico e de campos de estudo, que possam parecer inofensivos ou não relacionados, mas que, ainda sim, poderão acrescentar profundidade ou amplitude de formas inesperadas. Da mesma forma, a Força deve buscar forjar relacionamentos novos e diversos no mundo acadêmico, com disciplinas que possam, a princípio, parecer irrelevantes. O Exército e seus analistas estratégicos não devem temer as Ciências Sociais. Há uma grande variedade de campos de estudo que podem contribuir para o entendimento do domínio humano do conflito, mas que precisam ser contatados ou explorados.

Também será preciso entender que, em nossa busca de conhecimentos, a ponte poderá estar bloqueada por adversários ideológicos nos mundos político e acadêmico; que talvez haja alguma reação negativa por parte daqueles que desprezam os militares e que tentarão estigmatizar tal interação junto a seus colegas. As lições da História nos dão o que pensar. O histórico do relacionamento entre o meio acadêmico e o Exército dos EUA não é algo que gere grande esperança. Contudo, para que novos conceitos, oriundos, principalmente, de pesquisas e conhecimentos da área de Ciências Sociais, tenham sucesso, é preciso que a liderança do Exército compreenda que necessitamos do meio acadêmico.

Uma forma de transpor essa distância é interagir com esses segmentos continuamente, participando de simpósios e palestras no campo das Ciências Sociais ou, até mesmo, enviando alunos para programas dessa área em uma variedade maior de universidades civis, a fim de adquirirem conhecimentos especializados em disciplinas específicas e estabelecerem contatos valiosos. Da mesma forma, convidar um número maior de acadêmicos de áreas diversas para participar de eventos educacionais do Exército tem o potencial de gerar relacionamentos mutuamente benéficos.

Para se obter êxito, os esforços de interagir com o mundo acadêmico devem transformar-se em pontes, e sua construção deve começar logo. A hostilidade e a desconfiança que alguns setores acadêmicos têm em relação a ajudar os militares devem ser contestadas com honestidade e uma verdadeira busca de entendimento por parte dos integrantes do Exército. Contudo, se qualquer um dos dois lados permanecer cético por muito tempo, a iniciativa estará fadada ao insucesso desde o início.

A incorporação do estudo das Ciências Sociais no conceito de domínio humano levará a uma mudança significativa na forma pela qual o Exército dos EUA lida com o conflito, mediante uma síntese mais aprofundada de conhecimentos sobre nós mesmos e nosso comportamento social. Por sua vez, o meio acadêmico poderia obter grande benefício em seu estudo das dimensões sociológicas da violência humana, por meio do vínculo profissional com aqueles que conduzem a guerra em primeira mão e têm grande familiaridade com ela.

É esse entendimento mais profundo em ambas os segmentos que poderá levar à prevenção ou até à prevenção de conflitos, conforme a integração de longo prazo das Ciências Sociais no processo decisório obtiver credibilidade e influência que afetem o âmbito da formulação de políticas. O Gen Ex Raymond Odierno, Chefe do Estado-Maior do Exército dos EUA (equivalente ao Comandante do Exército no Brasil) afirmou que “prevenir conflitos é melhor que reagir a eles”<sup>10</sup>. Entender os conflitos com a noção de domínio humano pode ajudar o Exército dos EUA a fazer exatamente isso. Precisamos nos valer das Ciências Sociais. ■

---

## Referências

**Epígrafe.** Henry Charles Carey, *The Unity of Law: As Exhibited in the Relations of Physical, Social, Mental, and Moral Science* (Philadelphia: H.C. Baird, 1872), p. 77.

1. Strategic Landpower Task Force White Paper, *Strategic Landpower: Winning the Clash of Wills*, 2013, p. 7.

2. Alfred McCoy, *A Question of Torture: CIA Interrogation from the Cold War to the War on Terror* (New York: Metropolitan Books, 2006), p. 7-10.

3. White Paper, *Clash of Wills*, p. 2.

4. David H. Price, *Anthropological Intelligence: The Deployment and Neglect of American Anthropology in the Second World War* (Durham NC: Duke University Press, 2008), p. 1-17 e p. 53-73.

5. Bowman H. Miller, "Soldiers, Scholars, and Spies: Combining Smarts and Secrets", *Armed Forces & Society* 36(4)(July 2010): p.

699.

6. Sigmund Diamond, *Compromised Campus: The Collaboration of Universities with the Intelligence Community, 1945-1955* (New York: Oxford University Press, 1992), p. 243.

7. American Anthropological Association, executive board statement on the Human Terrain System Project, 31 Oct. 2007, disponível em: <http://www.aaanet.org/about/Policies/statements/Human-Terrain-System-Statement.cfm>.

8. David Price, "The Army's Take on Culture", *Anthropology Now*, 2(1)(April 2010): p. 59.

9. E.O. Wilson, *Consilience* (New York: Vantage Books, 1999), p. 3-8.

10. Raymond Odierno, "CSA's Strategic Intent: Delivering Strategic Landpower in an Uncertain World", 5 Feb. 2013, U.S. Army Homepage, disponível em: <http://www.army.mil/article/95729>.